

IX

ACTIVIDADE PRIVADA

São raros os *curricula* onde se encontram referências à clínica privada.

É como se essa actividade fosse motivo de culpa, algo que se procura esquecer ou de que, pelo menos, não nos podemos orgulhar.

Seja como for, e porque penso que um *curriculum* e no que diz respeito à actividade profissional nada deve ser acrescentado, mas também nada deve ser omitido, e, mais, porque penso que a actividade privada tem na vida profissional um papel importante, achei que não poderia deixar de a referir aqui.

Pertença a uma das muitas gerações de médicos que para sobreviver foram forçados a exercer clínica privada.

Iniciei essa actividade em 1959, cinco anos depois da licenciatura e acabado de regressar dos Estados Unidos da América. Pouco tempo antes, o Dr. Horácio Rey Colaço Menano tinha interrompido a sua actividade privada e fez-me a mim a ao Dr. Armando Estrela, como que a doação da sua clínica.

A clínica privada do Dr. Horácio Rey Colaço Menano era constituída por pais muito diferenciados – intelectuais, artistas, quadros, gente do *jet set* –, mas embora preferisse o contacto com a gente mais simples da população hospitalar, não os achei difíceis, antes pelo contrário, senti que os compreendia e que me fazia compreender e, apesar de muito jovem, aguentei o embate e, desde então, multipliquei-a largamente.

Exerço clínica privada há mais de um quarto de século; tenho um ficheiro com as histórias de milhares de crianças; julgo que se contam pelos dedos os casos em que não houve uma relação fácil com as famílias; já tenho netos clínicos, isto é, assisto hoje filhos de jovens que, por sua vez, assisti desde o nascimento.

Olhando para trás, reconheço que a minha maneira de estar perante as crianças e as famílias muito influenciada pelo Dr. Horácio Rey Colaço Menano e por dois excelentes generalistas com quem, em jovem, convivi, e que desejo aqui nomear: o Dr. Manuel Marques da Mata e o Dr. Álvaro de Lacerda e Mello.

Hoje considero a prática privada, se se tiver a força e o engenho para não a deixar ultrapassar os limites do razoável, para além de uma fonte de proventos, uma fonte de alegria, a parte mais importante de uma vida social – os meus grandes amigos, embora nunca tenha querido cultivar relações extraclínicas com eles, são alguns pais e avós de crianças que sigo – e um processo de aperfeiçoamento permanente em humanidade e responsabilidade profissional.

Por isso receio que todos os médicos que, desde os primeiros passos na vida clínica, optem pela dedicação exclusiva, nunca deixando de ter entre si e os doentes o escudo protector da instituição, dificilmente consigam atingir a qualidade que atingiriam com alguns anos de correcto exercício de clínica privada.

Este treino será, talvez, um dia, possível dentro da próxima instituição, se frequentarem em regime tutorial os consultórios dos chefes de serviço que, segundo o actual decreto das carreiras médicas, nelas exerçam também a sua clínica privada.